



EDIÇÃO 18 - 2º SEMESTRE DE 2014

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 23/11/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 22/12/2014



O INTRANSITIVO CORAÇÃO SELVAGEM E AS VEREDAS DO DESEJO: A HOMOAFETIVIDADE NA LITERATURA BRASILEIRA

Julio Augusto Xavier Galharte
UEMSD
Carina de Souza Andrade
G/UEMS
Wagner Pavarine Assen
G/UEMS

Nos primórdios do calor

As primeiras referências à homossexualidade na literatura brasileira surgem na poesia do século XVII, com uma chave negativa. Elas encontram-se na obra satírica de Gregório de Matos, quando este autor, entendendo que ser homossexual era um sinônimo de aberração e xingamento, atrelava essa condição a seus inimigos.

Isso era de se esperar, quando se pensa em um autor que, por um lado, revelava genialidade em vários aspectos, mas, por outro, mostrava-se enleado em preconceitos, tendo um discurso que, inclusive, atingia níveis intensos de racismo, como já apontou Bosi (1996, p. 106-112).

O preconceito contra homossexuais e negros permanece até a segunda metade do século XIX, quando alguns escritores brasileiros aderem ao Determinismo francês, difundido em obras naturalistas.

A primeira obra do Naturalismo a tratar da homossexualidade é *Um homem gasto* (1885), de Ferreira Leal, mas é com *O cortiço* (1890), de Aluísio de Azevedo, e *Bom-crioulo* (1895), de Adolfo Caminha, que o assunto ganha uma especificidade digna de nota, já que ambas as obras, segundo Mendes (2010, p. 11), são plenas de contradição. Para esse crítico, os homossexuais Albino e Amaro, em algumas situações, são mostrados como doentes e desvirtuados (conforme o olhar naturalista) e em outras esbanjam sanidade e qualidades. Além disso, no caso de *O cortiço*, tem-se o primeiro “noivado” entre duas mulheres, já que Léonie coloca um anel de diamante e pérolas no dedo de Pombinha, depois de se relacionarem sexualmente pela primeira vez.

Ainda no século XIX, mas sem aderir ao Naturalismo, Machado de Assis mostrou ambiguidades em relacionamentos de pessoas do mesmo sexo, já que parece que o sentimento muitas vezes quer ultrapassar as divisas da amizade. É possível notar isso na atmosfera que se cria na relação entre Bentinho e Escobar, em *Dom Casmurro*, como notou Millôr Fernandes, que apresentou várias citações comprovadoras como esta:

Escobar veio abrindo a alma toda, desde a porta da rua até o fundo do quintal. A alma da gente, como sabes, é uma casa com janelas para todos os lados, muita luz e ar puro... Não sei o que era a minha. Mas como as portas não tinham chaves nem fechaduras, bastava empurrá-las e Escobar empurrou-as e entrou. Cá o achei dentro, cá ficou... (ASSIS, apud FERNANDES, 2005)

Ambíguos também são os sentimentos de Quintanilha e Gonçalves, que são chamados de “casadinhos de fresco” por uma senhora, em “Pílades e Orestes”, conto do livro *Relíquias de Casa Velha*. O início da narrativa é sugestivo, apesar de que ao seu final uma mulher separa esses homens com seus sentimentos confusos:

QUINTANILHA engendrou Gonçalves. Tal era a impressão que davam os dois juntos, não que se parecessem. Ao contrário, Quintanilha tinha o rosto redondo, Gonçalves comprido, o primeiro era baixo e moreno, o segundo alto e claro, e a expressão total divergia inteiramente. Acresce que eram quase da mesma idade. A idéia da paternidade nascia das maneiras com que o primeiro tratava o segundo; **um pai não se desfaria mais em carinhos, cautelas e pensamentos.** (ASSIS, 2006, o grifo é meu).

John Gledson, no ensaio “Machado de Assis e Graciliano Ramos: especulações sobre sexo e sexualidade”, mostra que o padre-narrador da novela *Casa velha*, com o livro *Storia Forentina*, de Varchi, nas mãos, decide não ler seu final para Felix, pois seria uma cena de estupro que um dos Farnese empreendera no bispo de Fano. (GLEDSON, 2006, p. 317).

Para o crítico inglês, o sexo, quando surge em Machado de Assis e Graciliano Ramos, renega o tratamento naturalista, e tem-se “uma visão mais aberta dos seres humanos e de seu desenvolvimento” com relação a esse assunto no Realismo machadiano e no Modernismo regionalista do autor de *Memória do cárcere*.

Essa “visão mais aberta”, no caso do universo regional do romance de 30, não se fixa apenas a nome de Graciliano. O crítico menciona também José Lins do Rego, e seu *Menino de engenho*, em que o garoto



EDIÇÃO 18 - 2º SEMESTRE DE 2014

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 23/11/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 22/12/2014



protagonista se põe aberto para experimentar sexo com vegetais, animais, meninos e meninas. (GLEDSON, 2006, p. 315).

Mário de Andrade também mostrou a atração de meninos por meninos. No conto “Frederico Paciência”, do livro *Contos novos*, o narrador e protagonista apresenta seu contínuo desejo pelo “Rico”, apelido carinhoso que dá ao personagem homônimo à narrativa. A vontade do narrador-protagonista de colocar seu corpo em contato com o corpo de Frederico culmina e realiza-se com um beijo no nariz.

Esse conto de Mário e um outro, “Túmulos, túmulos, túmulos”, são analisados a seguir.

**O afã do afeto:
as “amizades especiais”
em dois contos de Mário de Andrade**

Mário de Andrade, em 1934, havia apresentado ao público a obra *Contos de Belazarte*, em que constavam, em geral, narrativas redigidas na década anterior, como “Túmulos, túmulos, túmulos”, cuja escrita é de 1926. Nesse conto o narrador e protagonista, Belazarte, indica que, em um período de sua vida, andou cheio de dinheiro e seu desejo era este: “ter um criado só pra mim” (ANDRADE, 2008, p. 83). Essa frase mostra-se ambígua, já que o personagem não mora só e sim com sua mãe. Assim, o “só pra mim” pode revelar interesses outros que transcendem os profissionais, talvez apontando para horizontes afetivos, que podem ser encontrados no uso da referência de exclusividade e posse (“só pra mim”).

Belazarte mostra como ficou impressionado com a simpatia de um negro que subiu no mesmo bonde em que estava. Indica também a mansidão e a doçura de seu olhar: “estava no mesmo banco do bonde um tiziu extraordinário de simpático. Que olhos sossegados! Você não imagina. Adoçavam tudo que nem verso de Rilke”. (ANDRADE, 2008, p. 83).

O protagonista desce do veículo e, depois, retorna a ele, reencontrando Ellis (esse é o nome do negro), que acaba se tornando seu mordomo. A descrição da beleza do homem encontrado é esta:

Ellis era preto, já disse... mas uma boniteza de pretura como eu nunca tinha visto assim. Como linhas até que não era essas coisas, meio nhato, porém aquela cor elevava o meu criado a tipo-de-beleza da raça tizia. Com dezenove anos sem nem um poucadico de barba, a epiderme de Ellis era um esplendor. Não brilhava mas não brilhava mesmo! [...] Era doce, aveludado o preto de Ellis... (ANDRADE, 1973, p. 88-89).

O racismo dos naturalistas não tem vez nesse contexto, já que a negritude é associada à positividade. Ao invés do ódio ao negro o que ganha força no conto de Mário é o oposto: o amor a ele.

O sentimento amoroso, com o convívio diário, ganha amplitude para ambos os personagens. O narrador afirma: “[Ellis] Estava tomando um lugar muito grande em minha vida” (ANDRADE, 2008, p. 86). O negro enuncia: “O senhor já está servindo de meu tudo mesmo”. (ANDRADE, 2008, p. 90).

Entre Ellis e Belazarte surge uma personagem que os afasta temporariamente. É Dora, uma negra com a qual o primeiro passa a namorar e com quem deseja casar-se, o que gera o ciúme do narrador e a consciência dolorosa de que seria “abandonado”: *Meio que me despeitava também, isso do Ellis gostar de mais outra pessoa que do patrão, [...]. Tive um despeito machucando.* (ANDRADE, 2008, p. 87).

O casamento consuma-se e Ellis e Dora acabam gerando uma criança. Posteriormente, a mulher e o rebento falecem. Assim, os dois túmulos dos três sinalizados no título evidenciam-se ao leitor.

Quando Dora morre, Belazarte indica as diferenças entre seu sentimento e o dela com relação a Ellis:

Dora ia fazer falta física pra ele, como é que havia de ser agora com os desejos? Isso é que está me parecendo foi o sofrimento perguntado do Ellis. E pra decidir duma vez a indecisão, ele vinha pra mim cuja amizade compensava. E seria mesmo por amizade? Aqui nem a gente pode saber mais, de tanto que os interesses se misturavam no gesto, e determinavam a fuga de Ellis pra junto de mim. Eu era amigo dele, não tinha dúvida, porém numa ocasião como aquela não é muito de amigo que a gente precisa não, é mais de pessoa que saiba das coisas. Eu sabia das coisas, e havia de arranjar um jeito de acomodar a interrogação. ... e quem diz que na amizade também não existe esse interesse de auxílio?... Existe, só que mais bonito que no amor, porque interesse está longe do corpo, é mistério da vida silenciosa espiritual. (ANDRADE, 2008, p. 91-92).

Assim, segundo o narrador, Ellis precisava de uma pessoa que “sabia das coisas”, ou seja, o próprio Belazarte, e não Dora. Ao final da última citação, ele afirma que essa amizade “entendida” e especial *está longe do corpo*, o que não corresponde ao que ocorre exatamente no conto, pois tal afeto inclui a referência corporal. A beleza de Ellis desperta o desejo do protagonista de tocá-lo: “A gente se punha matutando que havia de ser bom passar a mão naquela cor humilde, mão que andou o dia todo apertando passe-bem de muito branco emproado e filho-da-mãe”. (ANDRADE, 2008, p. 84).

O narrador coloca a mão no corpo de Ellis ao final do conto, mas num contexto nada íntimo, pois o faz diante de várias pessoas, quando o negro está prestes a morrer. O moribundo só se despediu da vida quando

viu o protagonista. Essa “atitude” de Ellis revela a intensidade de seu amor, que, pelas entrelinhas do conto, percebe-se que era maior do que pela sua esposa e pelo filho, já falecidos anteriormente. Os três túmulos estão postos, mas o amor perdura na viva lembrança do narrador.

Se Belazarte toca Ellis só ao final da vida deste e no epílogo da narrativa, Ellis já havia investido em uma afetuosa aproximação em direção ao corpo de seu patrão. Quando o narrador coloca a mão sobre seu ombro, Ellis a beija.

Parece que a boca de alguns personagens de Mário procura pela boca de pessoas do mesmo sexo, mas, pelos seus receios, fixa-se em outra parte do corpo, como a mão, no caso do conto comentado anteriormente, e o nariz, no caso da narrativa “Frederico Paciência”, que foi pacientemente escrita pelo autor entre 1924 e 1942, sendo publicada postumamente em 1947, no livro *Contos novos*.

Trata-se da história de Juca, que, como o Belazarte de “Túmulo, túmulo, túmulo”, é narrador e protagonista. Ele mostra sua intensa relação com Frederico Paciência, colega de escola, com idade igual à dele, quatorze anos.

Os contatos físicos entre Juca e Frederico Paciência são mais frequentes do que os de Belazarte e Ellis, no entanto, são mãos dadas e abraços que não chegam a anteceder um contato sexual, apesar de que este é ansiado.

É inequívoca a atração física de Juca com relação a Frederico Paciência, o que se pode notar nesta descrição:

Frederico Paciência era aquela solaridade escandalosa. Trazia nos olhos grandes bem pretos, na boca larga, na musculatura quadrada da peitania, em principal nas mãos enormes, uma franqueza, uma saúde, uma ausência rija de segundas intenções. E aquela cabelosa pesada, quase azul, numa desordem crespa. Filho de português e de carioca. Não era beleza, era vitória. Ficava impossível a gente não querer bem ele, não concordar com o que ele falava. (ANDRADE, 1997, p. 96).

Por esses atrativos físicos, bem como por qualidades espirituais, o protagonista afirma que sentiu uma “simpatia deslumbrada” por Frederico Paciência, resultando no desejo de “ser ele, **ser dele**”. (ANDRADE, 1997, p. 96, o grifo é nosso).

O tipo de relação entre Juca e Paciência, como a de Ellis e Belazarte, é de cunho especial, diferente daquela estabelecida com os outros amigos, ganhando dimensões maiores, apresentando mais profundidade:

Frederico Paciência foi minha salvação. A sua amizade era se entregar, amizade era pra tudo. Não conhecia reservas nem ressalvas, não sabia se acomodar humanamente com os conceitos. (ANDRADE, 1997, p. 97).

Como Belazarte, o protagonista de “Frederico Paciência” quer a exclusividade desse tipo de amizade. Para obter isso, indica que seu sentimento é peculiar:

Depois da aula, naquela pequena parte do caminho que fazíamos juntos até o largo da Sé, puxando o assunto para os colegas afinal acabei, bastante atrapalhado lhe confessando que ele era o meu “único” amigo. (ANDRADE, 1997, p. 97).

O toque da mão, tão ansiado e esperado por Ellis, nesse outro conto também apresenta grande importância. Essa situação e o andar pelas ruas em tão boa companhia leva o narrador a um intenso êxtase:

Chegara a esquina em que nos separávamos, paramos. Frederico estava maravilhoso, suado, corado, derramando vida. Me olhou com ternura sorridente. [...]. Me estendeu a mão a que mal pude corresponder, [...]. Porém, Frederico estava me acompanhando! [...]. Foram quinze minutos dos mais sublimes de minha vida. Talvez que pra ele também. (ANDRADE, 1997, p. 98).

É possível que João Guimarães Rosa, que era admirador de Mário de Andrade, tenha lido e apreciado esse conto. O autor mineiro, em uma passagem de *Grande sertão: veredas*, apresenta uma situação em que o narrador e personagem com aproximadamente a idade de Juca e Frederico Paciência, quatorze anos, está à beira do Rio De-janeiro, em Minas Gerais, e percebe a presença de um outro rapaz. O encantamento é imediato e Riobaldo almeja a amizade exclusiva e especial do recém-conhecido:

Eu devia de estar com uns quatorze anos, se. [...]. Aí pois, de repente, vi um menino, [...]. Menino mocinho, pouco menos do que eu, ou devia de regular a minha idade. [...]. Mas eu olhava esse menino com um prazer de companhia, como nunca por ninguém eu não tinha tido, Achava que ele era muito diferente, [...]. Fui recebendo em mim um desejo de que ele não fosse mais embora, mas ficasse, sobre as horas, e assim como estava sendo, sem parolagem miúda, sem brincadeira – só meu companheiro amigo desconhecido. (ROSA, 2001, p. 116-119).

Os meninos não se veem mais, crescem e depois reencontram-se num bando de jagunços. É a história de amor de Riobaldo e Reinaldo, plena de força, delicadeza e travessias. Quando se pensa em homoafetividade na literatura brasileira não se pode esquecer do autor de *Grande sertão: veredas*.



EDIÇÃO 18 - 2º SEMESTRE DE 2014

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 23/11/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 22/12/2014



A TRAVESSIA DO DESEJO NA OBRA DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

A homossexualidade é tema importante em *Grande sertão: veredas*. No entanto, a crítica praticamente o ignorou. Uma exceção é Adélia Bezerra de Menezes, em seu ensaio: “Grande sertão: veredas e a psicanálise de Riobaldo”. Ela observa que o narrador e personagem do livro roseano, depois de revelar ao leitor que Diadorim é mulher, o que ele sabia desde o início de sua narração, não deixa de pensar nesse ser no masculino. Para comprovar isso, Adélia cita este trecho do romance em que os gêneros se confundem na referência a essa personagem: *E, Diadorim, às vezes conheci que a saudade dele não me desse repouso; nem o nele imaginar. Porque eu, em tanto viver de tempo, tinha negado em mim aquele amor, e a amizade desde agora estava amarga falseada; e o amor, e a pessoa dela, mesma, ela tinha me negado.* (Rosa, apud: MENESES, 2010, p. 34).

Com base nessa insistência do gênero masculino associado à figura de Diadorim, Adélia conclui:

Isso significa que, na realidade, sua atração por Diadorim não será reconduzida – ou reduzida – a um caso de amor por uma donzela guerreira que ao fim teria sua identidade revelada, “justificando” a atração; mas **tem a pulsação de um homoerotismo**. Que, naquela sociedade em que a homossexualidade é tabu, só poderia ser vivido enquanto transgressão como algo impossível. (MENESES, 2010, p. 35, o grifo é meu).

A “pulsação desse homoerotismo” pode ser notado no já mencionado primeiro encontro entre Riobaldo e Reinaldo-Diadorim, quando tinham quatorze anos aproximadamente.

O menino recém-conhecido convida Riobaldo a tomar um barco e ambos, bem como um garoto remador, fazem a travessia do Rio De-janeiro ao Rio São Francisco. Quando voltam o narrador sente a mão do menino na sua, o que provoca grande êxtase:

E o menino pôs a mão na minha. Encostava e ficava fazendo parte melhor da minha pele, no profundo, dêsse a minhas carnes alguma coisa. [...]. – “Você também é animoso”. Amanheci minha aurora. (ROSA, 2001, p. 123).

A partir desse encontro, deu-se uma revolução na vida de Riobaldo. Ocorreu uma travessia inesquecível: *uma transformação, pesável*. (ROSA, 2001, p. 125).

Posteriormente, no reencontro com Reinaldo-Diadorim, o protagonista dá-se conta da especificidade de seu sentimento: *Primeiro, fiquei sabendo que gostava de Diadorim – de amor mesmo amor, mal encoberto em amizade*. (ROSA, 2001, p. 305).

O amor, mal encoberto em amizade de Belazarte e Juca estão aí. Também, nessa história rosiana, como nos contos de Andrade analisados, o amor não é verbalizado. No entanto, ele é apreendido no silêncio:

De Diadorim ter vindo, e ficar esbarrado ali, esperando meu acordar e me vendo meu dormir, era engraçado, era para se dar feliz risada. Não dei. Nem pude nem quis. Apanhei foi o silêncio dum sentimento, feito um decreto: – Que você em sua vida toda toda por diante, tem de ficar para mim, Riobaldo, pegado em mim, sempre!... – que era como se Diadorim estivesse dizendo. (ROSA, 2001, p. 305).

Não por acaso, Riobaldo apresenta estas frases ao leitor: *O senhor sabe o que silêncio é? É a gente mesmo demais*.

Silêncio e homoerotismo também aparecem em um texto publicado alguns meses antes de *Grande sertão: veredas*, em 1956. Trata-se de “Buriti”, de *Corpo de baile*.

Essa novela, considerada por muitos críticos como a segunda obra rosiana mais complexa, atrás apenas de *Grande Sertão Veredas*, tem como cerne o amor e suas nuances, suas descobertas. Entre esses amores, está o de Maria da Glória e Leandra (Lala).

A obra é narrada numa espécie de *flash-back*, contando com uma pluralidade de vozes que se intercalam e por vezes se confundem, graças ao emprego do discurso indireto livre. O narrador em terceira pessoa, ora assume o olhar e os pensamentos de Miguel, ora de Lala. Isso requer grande atenção do leitor que se aventura pelas “entranhas” linguísticas do texto.

A história tem início com a imagem de Miguel em seu caminho de volta à fazenda do Buriti Bom, a bordo de seu jipe. Numa escrita nada linear, a novela se finda nesse mesmo ponto inicial, mas com a apresentação da rede de fatos e sensações anteriores a essa situação. A complexidade textual intensifica-se com o uso de neologismos, força estilística de Rosa.

Miguel cumpre a promessa que fizera a Glorinha (Maria da Gloria) para revê-la, porém esta já havia dado vazão a um desejo sem reservas por Leandra.

Todas essas manifestações de amor na narrativa são demasiadas autênticas: tanto de Miguel para com Glorinha quanto desta por Leandra e vice-versa.

As mulheres nessa narrativa são bastante transgressoras, abalando as estruturas patriarcalistas do sertão mineiro. É o caso, por exemplo, de Dona Donhã, que toma a posição de alguns homens polígamos em outros contextos: ela tem quatro maridos.

Leandra não é a mulher submissa que vive reclusa na cozinha. Ela prefere a liberdade oferecida pelos espaços abertos das cavalgadas. Nessas ocasiões, traja roupas masculinas, as quais aprecia muito.

Segundo Ana Maria Machado, a masculinidade de Leandra já se revela em seu nome, já que apresenta o radical grego “*andros*, o homem, a masculinidade nessa mulher que ‘queria ser flor’, mas que apresenta nítidos traços de lesbianismo ou bissexualismo” (MACHADO, 2003, p. 154).

Leandra, que também é chamada de Lala, depois de abandonada pelo marido, é levada pelo seu sogro, Iô Liodoro, de Belo Horizonte ao interior mineiro, mais especificamente para a fazenda do Buriti-Grande. Lá, conhece as irmãs Maria Behú e Maria da Glória, envolvendo-se afetiva e sexualmente com esta. Lala também atrai intensamente Iô Liodoro, provocando-o. Sua chegada na fazenda altera, portanto, todo o seu cotidiano.

Maria da Glória também apresenta atração por homens. Ela tem a primeira relação sexual com Nhô Gualberto. O interesse da personagem com relação ao Gual (apelido desse amigo da família) é unicamente físico.

O segundo contato sexual que Maria da Glória tem é com Leandra. A sensação de completude de Glorinha é intensa, pois sente prazer corpóreo e espiritual com Lala, com quem faz amor, lê revistas e romances, bem como conversa longamente.

Existe reciprocidade nesse amor, o que fica evidente quando Lala, pensando em Maria da Glória, enuncia: “Como eu gosto desta menina! – se mordiscou, fechara os olhos” (ROSA, 1988, p. 162).

No início, Leandra e Glorinha veem-se como amigas que compartilham suas mais íntimas confidências e lembranças. Uma delas merece destaque: Maria da Glória afirma, que quando estava no colégio, as freiras não queriam que entre as internas houvesse aproximação que parecesse afetiva demais. Enquanto fala isso a Lala, seus corpos, na rede, encostam-se de modo que as duas se arrepiam, e o espreguiçamento sem bocejo de Glorinha mostra que há uma insinuação do corpo em movimento, que desperta o olhar e o desejo da cunhada.

Elas passam a se banhar juntas e se acariciam. Glória pergunta: “Você me acha bonita? Mas como mocinha ou como mulher?”. O contato sexual se efetiva, intensificando o afeto entre as duas.

No entanto, a urbana Lala, entediada com o marasmo do sertão, entra em crise existencial e prepara-se para voltar a Belo Horizonte. Glória vai ao seu quarto e vendo as malas na cama, desespera-se, afirmando:

- “Lala, pelo amor-de-deus, me leva com você, então! Eu vou, para onde você for, fujo se for preciso, vou junto... Fica comigo, Lala, vou morar com você, toda a vida, nós duas... Eu gosto de você, mais do que de todos, trabalho para você, mas não te deixo, Lala, não me manda embora...” Sorria, de repente, no meio das lágrimas, se oferecia num meigo insinuo: “...Você pode fazer comigo o que quiser, Lala... Eu sou sua...” Sorria. – “Eu vou com você, Lala! Eu vou.”

Quando Glória afirma que gosta de Lala “mais que todos”, isso significa que a ama mais do que Miguel. De qualquer modo, ela, ao final da narrativa, espera por ele. Provavelmente, por convenções sociais da década de 1950, momento em que a obra foi publicada, a personagem opta por um relacionamento heterossexual ao invés do amor homossexual, muito mais intenso.

Esse desfecho seria o mesmo em uma história da década de 1970? Veremos possíveis respostas adiante na análise de alguns textos de Clarice Lispector.

A PAIXÃO SEGUNDO OS IGUAIS, EM CLARICE LISPECTOR

Em *A hora da estrela*, livro de Clarice Lispector, publicado em 1977, a personagem Madama Carlota pergunta a Macabea se ela conhecia amor de mulher. Diante da resposta negativa da nordestina, a cartomante diz que ela precisava conhecer, porque é “mais delicado”.

Um amor “mais delicado” é experimentado por personagens de livros anteriores dessa escritora. Em *O lustre*, por exemplo, lançado em 1946, é mostrada a vida de Virgínia, que como Virgínia Woolf, referência importante para Clarice, é bissexual. A personagem é intensa em suas paixões, vendo-se envolvida em fortes desejos por Daniel, Maria Clara e Rosita.

A estudiosa Joelice Barbosa dos Santos mostra as relações:

Diversas vezes Virgínia encontra-se pensando em Daniel: “[...] Como ela o amava, como o queria, aqueles olhos pensando, aquele pescoço forte e reto mas gentil” (L, 76). [...]. Na aproximação da protagonista com Maria Clara, por exemplo, é possível vislumbrar um sutil encontro amoroso. Deslumbrada pelo jeito de Maria Clara, que ao rir “tornava-se mais vulgar mais velha e mais atraente”, Virgínia teme “ser fascinada por ela como fora por Daniel na infância e tornar-se sua escrava” (L, 111). Num determinado episódio, Maria Clara convida Virgínia para ir a sua casa, já que mora sozinha, de modo que pudessem “ter uma boa conversa entre mulheres, vamos falar sobre *soutiens*, sobre dores mensais... o que quiser... combinado?” (L, 130). Virgínia, rindo confusa e encantada, responde “sim, sim... está combinado...” (L, 130). Ela [Virgínia] ainda se lembra de uma amiga que tivera na infância e que simplesmente a amou “tanto como poderia amar Maria Clara” (L, 230). Ao conhecer a irmã de Vicente, Virgínia sente uma mistura de inveja e certo desejo de ser como ela, pois Rosita tinha “os seios grandes, o rosto puro sem pintura [...] lia livros policiais e sua voz rouca. [Virgínia] Fitava-a com avidez e frio. (SANTOS, 2008, p. 62-63).

Além disso, Adriano (por quem a protagonista também se sente atraída) deseja ver destruído o relacionamento amoroso de Virgínia e Vicente, sendo que não sabemos se o interesse dele é por aquela ou por este, que afinal tinha “qualquer coisa de feminino ou pelo menos de muito comum entre as mulheres” (LISPECTOR, p. 124).

Um triângulo amoroso se estabelece também no conto “Ele me bebeu”, formado por Aurélia Nascimento, Serjoca, seu maquiador, e o industrial Affonso Carvalho. Este inicialmente se interessa por Aurélia, mas diante da fala intensa de Serjoca, inspirada por uma bebida alcoólica, vê-se muito mais envolvido e atraído pelo maquiador.

Mais um triângulo amoroso clariciano: no conto “O corpo”, Xavier é casado com Carmem e Beatriz. Por várias vezes, enquanto o marido não chega, as duas fazem amor.

Doravante, analisaremos essas múltiplas relações nesses dois contos. Antes, seria útil uma contextualização do momento histórico em que *A via crucis do corpo* foi publicado.

O final da década de 1960 é um período histórico, no qual alguns países foram marcados pelo início de movimentos ligados a homossexuais, organizados em grupos ativistas. É o momento, por exemplo, em que se dá a primeira marcha pelo orgulho gay (1970), que aconteceu em Nova York, nos Estados Unidos. Era a crescente busca dos homossexuais pelo respeito e pela queda dos estereótipos, afinal, anteriormente, eles eram diagnosticados e tratados como doentes mentais.

Clarice Lispector, em *A Via Crucis do Corpo* (1974), aborda a homoafetividade como manifestação legítima e saudável de amor. No conto “Ele me Bebeu”, desse livro, a narradora, já na apresentação das personagens, deixa bem clara a orientação sexual de Serjoca. A narrativa clariceana começa assim: “Serjoca era maquilador de mulheres. Mas não queria nada com mulheres. Queria homens.” (LISPECTOR, 1998, p. 41). A enunciativa enfatiza a identidade do personagem, maquilador de mulheres, cuja atração sexual voltava-se para pessoas do sexo masculino.

Aurélia utilizava vários adereços: “Aurélia era bonita e, maquilada, ficava deslumbrante. Era loura, usava peruca e cílios postiços.” (LISPECTOR, 1998, p. 41). Moça bonita, ela “se vestia bem, era caprichada. Usava lentes de contato. E seios postiços.” (LISPECTOR, 1998, p. 41). Mas sua beleza não bastava, era artificial nas aparências e superficial nas atitudes.

Serjoca e Aurélia, que eram amigos, num dia, esperavam um taxi. Ela, com sua impaciência, involuntariamente chamou a atenção de Affonso Carvalho, um rico industrial. Este primeiramente se interessou por Aurélia, que como sempre, muito bem maquilada, estava linda. Já no primeiro jantar, Serjoca o impressionou com a fluidez de sua fala e espontaneidade: “Este (Affonso) ficou espantado com a eloquência do rapaz bonito. No dia seguinte telefonaria para Aurélia para lhe dizer: o Serjoca é um amor de pessoa.” (LISPECTOR, 1998, p. 41). A partir desse momento percebe-se que o afeto entre os dois homens aumenta à medida que se conhecem mais.

Para um outro jantar, a moça pede que o amigo a maquie, mas:

A impressão era a de que ele apagava os seus traços: vazia, uma cara só de carne. Carne morena. Sentiu mal-estar. Pediu licença e foi ao banheiro para se olhar ao espelho. Era isso mesmo que ela imaginara: Serjoca tinha anulado o seu rosto. Mesmo os ossos — e tinha uma ossatura espetacular — mesmo os ossos tinham desaparecido. Ele está me bebendo, pensou, ele vai me destruir. E é por causa do Affonso. (LISPECTOR, 1998, p. 43-44)

Nesse jantar ela ficou calada, pois sentia-se anulada pela “falta de rosto”. Affonso e Serjoca continuaram a se encontrar. Lispector não fornece mais qualquer indício sobre esse relacionamento, apenas deixa evidente que se aproximaram e que o afeto entre eles aumentava diante da naturalidade e simplicidade que demonstram.



Nesse conto clariciano, Affonso, diferentemente de Glorinha, de “Buriti”, escolhe o amor homossexual, pois trazia-lhe a noção de completude: atração pelo corpo e pela alma do outro. A beleza e a espontaneidade de Serjoca o conquistaram efetivamente.

Aurélia, por outro lado, que se manteve inerte em seu “papel”, sempre dissimulada, não o atraiu mais, inclusive porque lhe faltava o que dizer. Serjoca tinha conteúdo e sabia expô-lo de modo fluente.

O último encontro de Aurélia, no conto, não é com Affonso. É com ela mesma, diante do espelho, estando lavada, sem maquiagem ou qualquer outro adereço: “Foi ao espelho. Olhou-se profundamente. Mas ela não era mais nada.” (LISPECTOR, 1998, p. 43). Na tentativa de se encontrar, dá bofetadas em seu rosto até que “No espelho viu enfim um rosto humano, triste, delicado. Ela era Aurélia Nascimento. Acabara de nascer. Nas-ci-men-to.” (LISPECTOR, 1998, p. 43). A partir desse instante, surge uma “nova” Aurélia, plena de consciência do valor do despir-se das exterioridades para fazer emergir o “eu” profundo.

Em outro conto de *A via-crucis do corpo*, “O corpo”, Lispector traz, assim como na narrativa anterior, personagens heterossexuais e bissexuais.

A narrativa mostra Xavier, bígamo, que mora com suas duas esposas, Carmem e Beatriz. Estas não sabem que ele se relaciona também com uma prostituta, “Cada noite era uma. Às vezes duas vezes por noite. [...] E às vezes enganava a ambas com uma prostituta ótima.” (LISPECTOR, 1998, p.21- 22). Era um homem forte truculento e sanguíneo, aparentemente quase insaciável.

Em várias passagens Carmen e Beatriz se relacionam sexualmente: “As duas foram para a cama e com sucesso. [...] Nessa noite as duas fizeram amor na sua frente e ele roeu-se de inveja.” (LISPECTOR, 1998, p. 23- 24). Seja para excitar Xavier, seja para evitá-lo, quando descobrem sua “traição”, a intimidade entre as duas cada vez mais se fortalece e seu caloroso amor se intensifica a tal ponto que eliminam o homem daquele “casamento”. Elas o matam a facadas. Quando são descobertas, manifestam, aos policiais, o desejo de ficarem juntas na prisão (“que seja numa mesma cela.”) (LISPECTOR, 1998, p. 28).

O delegado não as prende. Elas, então, resolvem ir a Montevidéu, para, talvez, viverem a segunda lua de mel, pois foi nesse mesmo local que viveram a primeira, junto com Xavier.



EDIÇÃO 18 - 2º SEMESTRE DE 2014

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 23/11/2014
ARTIGO APROVADO ATÉ 22/12/2014



O amor entre pessoas do mesmo sexo foi representado de modos diversos na literatura brasileira. Depois de serem apresentados como doentes, os homossexuais ganham o *status* de seres saudáveis, belos e espontâneos em narrativas de Mário de Andrade, João Guimarães Rosa e Clarice Lispector.

Esses três autores foram fundamentais para a representação positiva do homoerotismo em autores contemporâneos como João Gilberto Noll, Vange Leonel e Bernardo Carvalho, mas isso é assunto para um próximo ensaio.

Referências

ANDRADE, Mário de. “Frederico Paciência”. *Contos novos*. São Paulo: Klick, 1997, p. 96-114.

_____. “Túmulo, túmulo, túmulo”. *Os Contos de Belazarte*. Rio de Janeiro: Agir, 2008, p. 83-97.

ASSIS, Machado de. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 2006. 3 v.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

FERNANDES, Millôr. “O outro lado de Dom Casmurro”. São Paulo: *Veja*, edição 1889. 26 de janeiro de 2005.

GLEDSON, John. *Machado de Assis e Graciliano Ramos: especulações sobre sexo e sexualidade*. In: *Por um novo Machado de Assis: ensaios*. São Paulo, 2006, p. 312-334.

LISPECTOR, Clarice. *A via crucis do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MACHADO, Ana Maria. *O recado do nome*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

MENDES, Leonardo. “Lavadeiros, padeiros e marinheiros: Romance brasileiro, boêmia e homoerotismo na crise do sistema monárquico”. *Terra roxa e outras terras: revista de estudos literários*. Volume 18 (out. 2010).



EDIÇÃO 18 - 2º SEMESTRE DE 2014

ARTIGO RECEBIDO ATÉ 23/11/2014

ARTIGO APROVADO ATÉ 22/12/2014



MENESES, Adélia Bezerra. *As cores de Rosa*. São Paulo: Ateliê, 2010.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 19ª edição, 18ª. impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

_____. *Noites do sertão*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record; Altaya, 1988.

SANTOS, Joelice Barbosa dos. *Entre o porão e o lustre: a relação personagem e espaço no romance O lustre*, de Clarice Lispector. São Paulo: dissertação de Mestrado. PUC-SP, 2008.